

MAPAS DO RIO DE JANEIRO

Maria Dulce de Faria
Fundação Biblioteca Nacional/CCSL/CAE/Divisão de Cartografia
Área temática: Cartografia, Arquivos e Coleções cartográficas

Resumo

A cidade do Rio de Janeiro está comemorando, seus 450 anos de fundação. Em decorrência disso, houve diversas comemorações na cidade e as instituições culturais cariocas se preocuparam em fazer o levantamento dos seus acervos com a finalidade de promovê-los em exposições e disponibilizá-los ao público desde 2014. A Biblioteca Nacional se ocupou desse trabalho, inventariando as coleções bibliográficas, cartográficas, documentais, iconográficas e musicais sobre esse assunto. Com referência à cartografia, alguns mapas importantes necessitaram de restauração e higienização. Dentre eles se destacam “Plano e terreno da cidade do Rio de Janr.º elevado pelo Sarg.º Mor Manoel Vieyra Leão cop. e reduzido por Carlos Jozé dos Reis e Gama”, (1779) e “Projecto de melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro” (1876) assinada pelos engenheiros Francisco Pereira Passos, Jeronimo Rodrigues de Moraes Jardim e Marcelino Ramos da Silva, integrantes da Comissão de Melhoramentos do Rio de Janeiro. O “Plano e terreno da cidade do Rio de Janr.º” trata-se de uma carta da Baía de Guanabara, desenhada sobre papel a nanquim e aquarelada. É uma carta rica em topônimos das cidades do Rio de Janeiro e Niterói, decorada na cercadura e uma vista panorâmica em estilo neoclássico. A planta de melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro é uma das mais importantes plantas por se tratar de urbanização da cidade e ter sido utilizada durante a prefeitura de Pereira Passos. Essa planta esteve ameaçada de desaparecer pelo seu estado precário de preservação, mas a equipe do Laboratório de Restauração da Biblioteca Nacional conseguiu recuperá-la. Ambos os desenhos cartográficos estiveram fora do alcance do público pelos seus estados de conservação danificados, mas agora estão disponíveis ao pesquisador interessado na história da geografia urbana da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-Chave: Rio de Janeiro (RJ) – Coleções cartográficas – Mapas históricos

Abstract

The city of Rio de Janeiro is commemorating its four hundred and fiftieth anniversary. There are several ongoing celebrations in the city, and since 2014 the carioca cultural institutions have been busy reviewing their collections of the city whose purpose is to show exhibitions and make them available to the public. The National Library undertook this work surveying the bibliographic, cartographic, documental, iconographic and musical collections in this matter. Concerning the cartographic documents, some important maps needed to be restored or cleaned. Included are the “Plano e terreno da cidade do Rio de Janr.º elevado pelo Sarg.º Mor Manoel Vieyra Leão cop. e reduzido por Carlos Jozé dos Reis e Gama”, (1779) and the “Projecto de melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro” (1876), signed by Francisco Pereira Passos, Jeronimo Rodrigues de Moraes Jardim and Marcelino Ramos da Silva, all members of the Comissão de Melhoramentos do Rio de Janeiro (Commission of Improvements of Rio de Janeiro). The “Plano e terreno da cidade do Rio de Janr.º” is the chart of Guanabara Bay, drawn on paper in ink and watercolor. This map is rich in toponyms of the two cities: Rio de Janeiro and Niterói, decorated on the border and with panoramic view in neo-classic style on the bottom. The “Planta de melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro” is one of the most important maps due to city urbanization and having been used during the Pereira Passos’ administration. This map was about to disappear because of its precarious preservation, but the staff of the Restoration Laboratory of the National Library was able to recover it. Neither map was available to the public because of their damaged condition, but now are available to those researchers interested in the history of the geography of the urban planning of Rio de Janeiro.

Keywords: Rio de Janeiro (RJ) – Cartographic collections – Historic Maps

Introdução

A cidade do Rio de Janeiro está comemorando, seus 450 anos de fundação, que se iniciou em 1º de março, data de sua fundação, até completar 451 anos em 2016. Além das diversas celebrações que vêm ocorrendo, as instituições culturais se preocuparam em fazer o levantamento dos seus acervos, com a finalidade de promovê-los em exposições e disponibilizá-los ao público, desde 2014. A Biblioteca Nacional do Brasil se ocupou desse trabalho, inventariando as coleções bibliográficas, cartográficas, documentais, iconográficas e musicais sobre esse assunto.

Com referência à coleção cartográfica, levantou-se pelo número de títulos e em seguida pelas datas, e constatou-se cerca de 13 atlas impressos e um manuscrito (*Relation generale de toutes les Forteresses a Rio de Janeiro* de Jacques Funck) 210 mapas manuscritos e impressos. Alguns desses mapas fazem parte de atlas ou livros, que remontam ao século XVI. Após o levantamento, verificou-se a necessidade de higienizar e/ou restaurar alguns mapas. Dentre essa coleção cartográfica restaurada até o momento, destacam-se “Plano e terreno da cidade do Rio de Janr.º elevado pelo Sarg.º Mor Manoel Vieyra Leão cop. e reduzido por Carlos Jozé dos Reis e Gama” (1779)” e “Projecto de melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro” (1876), assinada pelos engenheiros Francisco Pereira Passos, Jerônimo Rodrigues de Moraes Jardim e Marcelino Ramos da Silva, integrantes da Comissão de Melhoramentos do Rio de Janeiro. Esses desenhos cartográficos estavam em péssimo estado de conservação e, em razão disso, ficaram fora de alcance do público quase durante muito tempo. Após a restauração, ambos foram digitalizados e disponibilizados, posteriormente, ao público para estudos sobre a geografia urbana da cidade do Rio de Janeiro.

2 Dados sobre a cidade do Rio de Janeiro

A cidade do Rio de Janeiro passou por algumas transformações urbanas e políticas. No século XVI, houve disputa pelo território entre lusos e franceses, obrigando os portugueses a fundar uma povoação permanente nessa área. Com as descobertas das minas em Minas Gerais e a proximidade da cidade do Rio de Janeiro com essa região, a capital do Estado do Brasil foi transferida de Salvador para o Rio, em 1763. Com a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, a cidade sofreu uma mudança radical. A partir dessa data, surgiram novas classes sociais, que antes eram compostas somente de militares, mercadores e escravos. A cidade deixa de ser colônia para ser sede do Reino Unido, Brasil, Portugal e Algarves, oficializando a entrada do capital estrangeiro. Com a independência em 1822, Rio de Janeiro tornou-se capital do Brasil até 1960, quando Brasília passou a ser a sede do governo brasileiro. Do século XVIII até o presente momento, a cidade atravessou diversas transformações urbanas que podem ser observadas em diferentes documentos cartográficos. Nessa comunicação, trataremos de dois mapas através dos quais podemos verificar algumas dessas mudanças ocorridas na cidade. A primeira, datada em 1767, isto é, antes da transferência da corte portuguesa; a segunda, de 1876, traduz o projeto elaborado pelos três engenheiros anteriormente mencionados, cujo objetivo era orientar as obras de saneamento e planejamento urbano para a cidade receber os novos meios de comunicações, transportes e tecnologias surgidos.

3 Carta da Baía de Guanabara de Carlos José dos Reis e Gama

A Carta da Baía de Guanabara, intitulada “Plano e terreno da cidade do Rio de Janr.º elevado pelo Sarg.º Mor Manoel Vieyra Leão cop. e reduzido por Carlos Jozé dos Reis e Gama”, datado outubro de 1779 (Fig.1) , foi adquirida de Leopoldo Moneró em 1915, de acordo com o Livro de Registro Aquisições, 3ªSecção, Cartas Geographicas, Bibliotheca Nacional, em 5 de fevereiro de 1915, nº 15, e também mencionada no relatório do diretor interino, Aurelio Lopes de Souza, que foi enviado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores, na época em que a Biblioteca Nacional pertencia a esse Ministério (Anais da Biblioteca Nacional vol.18).

A carta manuscrita e aquarelada foi desenhada sobre três folhas de papel coladas, medindo 134 x 140cm. Após a restauração, essa carta foi dividida em duas partes, 134 x 69cm e 134 x 71cm, para melhor preservação ao armazená-la em mapoteca horizontal. Embora ainda parem algumas dúvidas com relação ao suporte do desenho, de acordo com o chefe do Laboratório de Restauração da Biblioteca

Nacional do Brasil, Fernando Menezes Amaro, o papel utilizado para a confecção do mapa não é de trapo, parece ser de madeira, que substituiu o papel de trapo no século XIX. Por outro lado, o papel é artesanal, pois, como se observa, possui a marca d'água, figura flor de lis dentro do escudo, encimado por uma coroa e a contramarca D & C Blauw, cuja fábrica de papel pertenceu à família de papelheiros holandeses, Blauw, desde o século XVII, passando por vários proprietários até 1879, mantendo a contramarca D & C Blauw. Em 1724, Dirk Jansz Blauw, neto do primeiro fabricante, assumiu a firma e, com a incorporação de outros moinhos papelheiros, a partir de 1727, se tornou o maior produtor de papel na região de Zaan, na Holanda. Sua confecção de boa qualidade passou a ser conhecida internacionalmente (OLIVEIRA, 2014) e um dos principais compradores de papel dessa fábrica foi Portugal. Após a sua morte, (1782) sua filha e, mais tarde, suas netas continuaram com a fábrica, mantendo o nome D & C Blauw, modificando apenas as marcas. A filigrana encontrada na maior parte dos documentos do século XVIII é representada por duas cruzes e as iniciais do fabricante dentro do escudo encimado por coroa, diferente da marca d'água do suporte dessa carta. Há uma filigrana semelhante à carta em análise que aparece em um documento manuscrito do Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), datado 1799 (OLIVEIRA, 2014). (Figs. 2 e 3).

A respeito da biografia de Carlos José dos Reis e Gama não foi encontrada em dicionários biobibliográficos, enciclopédias e internet. Tem-se conhecimento de que Reis e Gama desenhou plantas arquitetônicas, de fortificações e cartas de Moçambique no período de 1784 e 1786 e foi governador de Sofala no ano de 1796 (WAGNER, 2009). Carlos José dos Reis Gama também participou na expedição de inventários das colônias portuguesas no continente africano com Manuel Galvão da Silva, Joaquim José da Silva e Francisco José Lacerda e Almeida, com a intenção de melhorar o cultivo da terra, de avançar a pacificação dos povos africanos e buscar metais preciosos (Raminelli, 2012). Há outra planta referente à cidade do Rio de Janeiro, intitulada "Plano da Lagoa do Rodrigo de Freitas. Elevado pelo Ten. Coronel Carlos Joze dos Reis Gama e pelo Cap. Jacques Augusto Coni e sendo deenhado pelo mesmo Ten. Coronel em Janeiro de 1809", que cujas cópias manuscritas e aquareladas de 1855 e 1870 encontram-se no Arquivo Histórico do Exército (BIBLIOTECA NACIONAL, 1981, nº 2626) e (FERREZ, 2000). Como se pode verificar, na carta que pertence à Biblioteca Nacional, Gama assina como sargento; já nas cópias do Arquivo Histórico do Exército, como Tenente Coronel.

Diante dos dados apresentados, não pudemos ainda determinar se o "Plano e terreno da cidade do Rio de Janr.º..." é original ou uma cópia elaborada no século XIX.

A carta possui cartucho de título decorado em estilo barroco, com três anjos. Na parte inferior, constam legenda, vista panorâmica da Baía de Guanabara, mostrando o bom relacionamento dos indígenas com os europeus, através de uma criança nativa que oferece flores aos visitantes, além da escala gráfica de 3000 braças [=23,6 cm] = [ca.1:27.9666].

Essa carta, diferente das demais cartas da Baía de Guanabara, não inclui batimetria e nenhuma informação aos navegadores sobre a entrada na baía.

Com relação à toponímia, a carta da Baía de Guanabara assinala locais à sua volta, contemplando as cidades de Niterói e Rio de Janeiro, mas a cartela da legenda refere somente aos topônimos do Rio de Janeiro.

A toponímia analisada compreenderá da Ponta do Caju ao Morro Dois Irmãos (Fig. 4). Alguns desses lugares não existem mais em consequência das obras de urbanização.

Inicia-se da Ponta do Caju, este local foi balneário de D. João VI, que tomava banhos periódicos como medida de saúde. Segue para S *Christovão*, que corresponde ao atual Bairro de São Cristóvão, que foi muito aterrado, não existindo mais praia. Continua para Lázaros, Hospital dos Lázaros, antiga Casa dos Jesuítas, que após a expulsão destes em 1759 pelo Marquês de Pombal, e pelo Bispo D. Antônio do Desterro, no Brasil. D. Antônio requereu ao Conde da Cunha a transferência dos leprosos para esse estabelecimento. Em 1766 e durante duzentos anos, o prédio passou por reformas para acomodar os pacientes e funcionários. Atualmente, com o nome de Hospital Frei Antônio, o prédio está sob os cuidados da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária, com poucos internos. Embora a edificação tenha sofrido reformas, permanece em bom estado de conservação, com detalhes arquitetônicos, como vitrais, azulejos e jardins externos. Dirige-se para *I. dos Meloens* [Ilha dos Melões], *I. dos Caens* [Ilha dos Cães], ambas foram aterradas e unidas ao continente no início do século XX. Nos

anos 60, construiu-se a Rodoviária Novo Rio sobre a Ilha dos Melões. Prossegue para o *R. da Ponte de Pedra*, que desembocava no Saco de São Diogo (atual Canal do Mangue), entre os rios São Cristóvão e Comprido. Corresponde ao rio Maracanã, que percorre entre a Igreja São Francisco Xavier na Freguesia do Engenho Velho e o Saco de São Diogo. No governo do Marquês de Pombal, reinado de d. José I, essa região entre Rio Comprido e a tapera de Inhaúma pertenciam aos jesuítas, que foi doada a esta instituição pelo fundador da cidade a requerimento do Padre Gonçalo de Oliveira. Os jesuítas montaram dois engenhos de açúcar, uma na área indicada no mapa com o nome Engenho Velho, e outro mais para o norte, chamado de Engenho Novo. Ao lado do Engenho Velho ergueram uma pequena igreja em 1583, segundo alguns cronistas, mas para outros estudiosos, provavelmente em 1624 (GERSON, 19650). Embora essa igreja permaneça no mesmo local, com a rua do mesmo santo, foi reconstruída ou reformada várias vezes. Segue para a *Bica dos Marinheiros*, antigo chafariz, localizado no Saco de São Diogo. O Saco de São Diogo, era uma região de manguezais, corresponde hoje em dia parte da região portuária, a estação Leopoldina, a Avenida Francisco Bicalho, o Trevo das Forças Armadas e parte da Cidade Nova. No início do século XIX, existia uma ponte com nome Ponte dos Marinheiros, e próximo havia um curtume, indicado na legenda com a letra O. Prossegue ao *R[io]. Comprido*, [Chácara do] *Snr Bispo*, Bairro do Rio de Janeiro, onde havia chácaras, inclusive a Chácara do Bispo localizada atualmente na rua do Bispo. *Capela do Espírito Santo*, atual igreja do Divino Espírito Santo no Bairro do Estácio, assinalada na legenda e indicada no mapa com a letra R. Mais adiante, observa-se: [Morro de] *S. Diogo*, atual Morro do Livramento, especificado na legenda e indicado no mapa com a letra Q; continua para *Lagoa da Sentinela*, marcada na legenda e no mapa com a letra S, foi aterrada no início da primeira gestão do vice-rei Conde da Cunha (1763-1767), mas só foi concluída depois que a corte portuguesa veio para o Brasil. A sua localização corresponde entre as ruas Riachuelo e Frei Caneca, muito próxima ao bairro do Catumbi. Segue para a Igreja *Nossa Senr^a*. do Livramento, especificada na legenda e no mapa com a letra N, existe referências sobre a construção de uma capela para Nossa Senhora do Livramento por volta de 1670 (IBAM), mas a igreja localiza na Ladeira do Barroso no Morro da Providência data de 1902. Prossegue para o local *S. Anna* assinalado na legenda e no mapa com a letra T; era a antiga igreja situada, hoje em dia, na Praça da República. Esse lugar ainda é denominado por muitos de Campo de Santana. Segue para a [Praia da] *Gamboa*, aterrada no início do século XX, onde foi construída a Cidade do Samba; continua para *Valongo, Prainha, Pr. D N. S. da Saude*, indicados no mapa que correspondem ao atual Bairro da Saúde. Além disso, está marcado na legenda com letra M o *Castelo da Conceição*, onde se localiza a Fortaleza da Conceição, que faz parte desse Bairro.

Na área do Centro, está tracejada a cidade com a indicação de alguns locais, especificados na legenda. Dentre eles, distinguem-se Convento [Mosteiro] de São Bento que ainda se conserva, letra L, localizado no morro com o mesmo nome, *Largo do Carmo*, letra I, atual Praça Quinze de Novembro, Morro do Castelo, atualmente demolido, onde estão assinalados *Castello de S. Sebastião* (Fortaleza do Morro do Castelo, letra H) e a *Sé Velha*, letra G], *Hospício dos Barbonios*, Hospício de Nossa Senhora da Oliveira, dos religiosos Barbonos, também chamados de Barbadinhos, indicado na legenda e no mapa com a letra E. Essa casa de religiosos foi destruída e em seu local foi construído o Quartel da PM [Policia Militar] Evaristo da Veiga. Próximo a ele observa-se o Convento de Santo Antônio, construído em 1620, no morro do mesmo nome, letra F da legenda. O Convento permanece, mas parte do morro foi demolido.

Próximo ao centro da cidade na B [Morro] *Nossa Snr^a*. do Desterro, atual Morro de Santa Teresa, com o Bairro do mesmo nome, onde se localizava a antiga capela de Santa Teresa construída em 1620; em 1750 foi construído o Convento das Carmelitas Descalças de Santa Teresa, que permanece até hoje no Bairro de Santa Teresa, indicada na legenda e na carta com a letra P. Embora não esteja indicado o Aqueduto da Carioca, também conhecido como Arcos da Lapa, há o tracejado do Arco que liga o Morro de Santa Teresa ao de Santo Antônio.

Estão também assinalados I. das Cobras, *I. dos Ratos*, atual Ilha Fiscal, onde ocorreu o último baile do Império no castelo da Ilha, em homenagem à tripulação chilena do couraçado Almirante Cochrane. Seis dias depois, a república foi proclamada. Continua *P. do Calhabouço* [Ponta do Calabouço], atualmente aterrado com o desmonte do Morro do Castelo, resta somente a Casa do Trem, que hoje funciona o Museu Histórico Nacional. Segue para a Ilha Villa Galhon [Villegagnon], a fortificação foi destruída, hoje atua a Escola Naval. Prossegue *P[raia]. de N. S. da Gloria; Campo das Freiras* [Praia das Freiras] indicado na legenda e no mapa com a letra E, antiga Praia da Lapa, "é a mesma praia que, em outros mapas, tem a denominação de Bouqueirão ou da Ajuda" (ADONIAS, 1966); *Nossa Snr^a. da Lapa*, atual

Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro, assinalada na legenda e no mapa com a letra C. Essa igreja foi construída em 1751, sendo autor do projeto o engenheiro militar José Fernandes Pinto Alpoim e continua conservada no Bairro da Lapa.

Pr[ai]a] *Nossa S^{ra}. da Glória* e a Igreja Nossa Senhora da Glória, atual Igreja Nossa Senhora do Outeiro da Glória, construída entre 1714 e 1739, foi a preferida da família real, onde foi batizada a primogênita de D. Pedro I e D. Leopoldina, a princesa Maria da Glória que viria a ser a rainha de Portugal. Essa igreja ainda permanece conservada e foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Ainda na costa da baía, estão assinalados: *Pr. do Flamengo*, *R. do Catete*, *Pr. de Botafogo*, próximo a estes locais, mais para o interior aparecem *Laranjeiras*, *Cosme Velho*, *S. Clem^{te}*. [São Clemente] e *Corcovado*. Seguindo para a entrada da Baía, estão assinalados, *Fort^a. de S. João* [Fortaleza de São João], situada no bairro da Urca, mais adiante *For[aleza] da Lage*, hoje em dia esta fortificação está desativada, retornando para Urca, *Pão de Asucar*, *Pr. Vermelha*, *I. Contunduba*, as Praias do Leme e Copacabana e o [Morro do] *Inhangá*. O Morro do Inhangá foi demolido entre 1934 e 1951, e localizava-se atrás do Hotel Copacabana Palace, a altura da Praça Cardeal Arco Verde, até o trecho da Av. Nossa Senhora de Copacabana, *Cap. De N. S de Copa Cabana*, *Lagoa de Rodrigo de Freitas*, onde estão indicados engenhos e um com o nome de engenho *N. S^{ra}. da Cabeça*. Desse engenho remanesce a Capela Nossa Senhora da Cabeça, que se localiza na Rua Faro, no Bairro Jardim Botânico. Finalmente, mais adiante, o Morro *Dous Irmaos*, atualmente o Morro Dois Irmãos faz parte do Bairro do Vidigal.

4 “Projecto de melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro”

O Plano da Comissão de Melhoramento para cidade do Rio de Janeiro de 1875 e 1876 elaborados pelos Francisco Pereira Passos, Jeronimo Rodrigues de Moraes Jardim e Marcelino Ramos da Silva, foi designado pelo Conselheiro do Império João Alfredo Correa de Oliveira. Esse plano tem grande importância do ponto de vista histórico e da arquitetura, pois as propostas da Comissão “ressuscitam as ideias higienistas de Beaurepaire, e o interessante, introduzem as ferramentas da urbanística contemporânea: alinhamentos, ordem edificatória figurativa e infra-estrutura dos novos serviços urbanos” (Andreatta, 2008).

A Biblioteca Nacional do Brasil possui O “Projecto de melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro” (1876) (Fig.5), assinado pelos engenheiros Francisco Pereira Passos, Jeronimo Rodrigues de Moraes Jardim e Marcelino Ramos da Silva, integrantes da Comissão de Melhoramentos do Rio de Janeiro. Os projetos de 1875 e 1876 foram postos em prática na administração de Francisco Pereira Passos, durante sua atuação como prefeito da cidade, no período entre 1902 e 1906.

Durante o Império, a cidade do Rio de Janeiro enfrentava epidemia de febre amarela e de cólera, com altas taxas de mortalidade e a crise econômica deflagrada pela Guerra do Paraguai. É nessa época que Francisco Pereira Passos iniciou seus estudos superiores. Como se sabe, Pereira Passos ingressou na Escola Militar, atual Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro – antiga Universidade do Brasil, em 1852, e formou-se como Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas o que lhe dava o Diploma de Engenheiro Civil em 1856. Em seguida, estudou na França entre 1857 e 1860, onde assistiu à reforma urbana de Paris promovida por Haussmann.

Em 1874, foi nomeado engenheiro do Ministério do Império, presidido pelo Conselheiro do Império João Alfredo Correa de Oliveira, com a tarefa de acompanhar todas as obras de engenharia do governo Imperial. O Conselheiro solicitou a integração da comissão que iria apresentar o plano geral de reformulação urbana da capital, que incluía alargamento de ruas, construção de grandes avenidas, canalizações de rios entre outras medidas urbanas e sanitárias. O levantamento realizado de 1875 a 1876 seria a base do futuro plano diretor da cidade, posto em prática na sua administração como prefeito.

Em 1875, ainda sob os efeitos da crise habitacional e do retorno das epidemias, foi lançado o Relatório dos engenheiros da Comissão de Melhoramentos da Cidade do Rio de Janeiro para solucionar e eliminar a aparência desordenada da capital. Sob o discurso do embelezamento e dos melhoramentos por conta da aplicação de novas técnicas modernas e detalhadas de infraestrutura, resgatou-se e difundiu-se a

concepção das grandes avenidas ou boulevards que integrariam os principais pontos da cidade, a partir de um ideal de eixos visuais e amplos espaços públicos.

A tendência à regularização e ortogonalidade da malha viária e a redução das quadras acabariam instituindo um modelo que, às custas de inúmeras desapropriações, se espelharia no próprio território da Cidade Nova na virada do século XIX para o XX.

A partir de agora, vamos apresentar os traçados do projeto de urbanização de 1876 assinado pelos engenheiros da Comissão de Melhoramentos de acordo com o seu Segundo Relatório apresentado ao Governo Imperial.

Anteriormente a planta era constituída de 2 folhas dobradas, medindo cada uma 123,5 x 182cm e 134 x 218,5cm. Foi restaurada, recentemente, e dividida em 4 folhas para melhor acondicionamento de preservação e armazená-las em mapoteca horizontal. Esta planta estava ameaçada de desaparecer pelo seu estado de preservação, mas a equipe do Laboratório de Restauração conseguiu recuperá-la.

Os traçados do Projeto da Comissão estão em vermelho. Neste projeto foram incluídas, ruas, praças, avenidas etc., sua abertura, retificação como outras obras já mencionadas no primeiro relatório como aterramento de pântanos, construção do cais, prolongamento do canal do mangue etc.

A primeira folha mede 124x95cm e abrange parte de Humaitá, Lagoa Rodrigo de Freitas, o Maciço da Tijuca, o Rio Trapicheiro e o encanamento do Rio Maracanã, Morro do Inglês (hoje é o local onde atravessa o túnel Rebouças do Cosme Velho para a Lagoa e Humaitá). Mostra a planta do Jardim Botânico e o traçado da Rua Jardim Botânico, na margem da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Ao alto desta folha, do lado direito, observa-se o projeto de canalização do Rio Trapicheiros passando por baixo da Fábrica das Chitas até o Andaraí Pequeno, que continua na segunda folha.

A segunda folha traz um projeto de um parque para a exposição de produtos nacionais e estrangeiros. A preparação de um horto e um jardim zoológico na extremidade de um canal prolongado, com avenidas, ruas e praças.

Assim, esta folha compreende a continuação do encanamento do Rio Maracanã, Andaraí, constando aí os seguintes locais: Rua Barão de Mesquita, Fazenda de Marumby, Rua Bom do Retiro, Bairro Vila Isabel, Estação do Riachuelo, Bairro São Francisco Xavier, Bairro Benfica, mais abaixo antigo "Jardim Zoológico e Horto Botânico", divisa dos terrenos da Universidade, "Palácio da Universidade", subindo Rua do Engenho Novo, Morro Baronesa de Lages (próximo a rua do Matoso), Matadouro Público, São Cristóvão, Palácio da Exposição de Produtos Nacionais e Estrangeiros, Quinta da Boa Vista e Benfica, mede 132,5 x 122cm.

Mostra também a retificação do alargamento do Rio Comprido até o Largo do Bispo e o prolongamento dessa rua, no sentido oposto até encontrar as avenidas que devem margear o Canal do Mangue, prolongando em direção ao Andaraí.

Ainda nessa folha continua o projeto de canalização do Rio Trapicheiros por baixo da Fábrica das Chitas até o Andaraí Pequeno levando ao prolongamento do canal por baixo da avenida, transversal projetada na frente do Horto Botânico e do Jardim Zoológico, que começa justamente a bifurcação da rua da Fábrica das Chitas com o Andaraí Pequeno.

Do lado de Vila Isabel, ao alto da folha, o projeto de ruas já assentado naquele bairro, a Comissão limitou-se a modificar na pequena extensão que tinha de ser absorvida pelo horto botânico e jardim zoológico e a prolongar o Boulevard 28 de setembro em linha reta até à rua de São Cristóvão

A terceira folha consta parte da dos Bairros de Copacabana e Leme, Praia Vermelha, Morro da Urca, Enseada e Bairro de Botafogo, Praia do Flamengo e os Bairros Flamengo, Catete e Glória, mede 123 x 91cm.

Mostra projeção desde a praça em frente ao Hospital da Misericórdia até o fim da Praia do Flamengo no Morro da Viúva um cais contínuo de 40m de largura, que no seu ponto de partida comunicará com cais

projetado na praia d. Manoel por uma rua traçada entre o Arsenal de Guerra e o Hospital da Misericórdia. Abrange uma parte da quarta folha, que é projetada a Avenida Beira Mar, e uma projetada, ligando a Praia do Flamengo à Enseada de Botafogo.

A quarta folha, com dimensões 131 x 97cm, representa o Centro da cidade. Abrange Lapa, Santa Teresa, Morro do Castelo (atualmente demolido, localizava-se atrás da Biblioteca Nacional), Carioca, Morro do Senado (demolido e, em seu local, foi construída a Praça da Cruz Vermelha e arredores), Morro de Santos Rodrigues (atual Morro de São Carlos, no bairro do Estácio) Morros de São Diogo, Providência, Livramento, Saúde, São Bento e cercanias. Além desses topônimos, indica alguns prédios públicos, como a Casa da Moeda (hoje Arquivo Nacional) localizada no Campo da aclamação (atual Praça da República), a Biblioteca Pública da Corte, (antigo nome da atual Biblioteca Nacional). O prédio da Biblioteca Pública, que se localizava na Rua do Passeio e que hoje abriga a Faculdade de Música da UFRJ. Nessa mesma folha, podem ser visualizados o título e os nomes dos três engenheiros responsáveis pelo plano geral do projeto de melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro.

Nesta folha estão representados o aterro de pântanos marginais, a construção da Estrada de Ferro d. Pedro II sobre a margem esquerda de um canal e de uma estação marítima para a mesma estrada com extensa ponte para atracação para grandes navios. O Relatório propõe a derrubada dos Morros de Santo Antonio, do Senado e do Castelo, como pode observar o traçado de uma avenida sem nome, provavelmente a Av. Central, mais tarde chamada de Rio Branco, que atravessa o Morro do Castelo.

Nesta folha está projetada a criação de um porto moderno. Esse porto seria formado por um cais de 2000m de comprimento e 50m de largura, com dique retangular, abrigado junto ao Morro da Gamboa. Uma grande área aterrada no do Saco de São Diogo, englobando as Ilhas Melões e Moças, comporia a nova área portuária, contando com uma rede de ruas formando quarteirões para estabelecimentos de comércio e industriais.

Para encerrar, a planta aqui apresentada, conforme o Segundo Relatório da Comissão de Melhoramentos de 1876, exhibe um amplo projeto de urbanização da cidade que previa abertura de ruas, avenidas, praças, aterro de pântanos para a construção de estrada de ferro e porto. Ainda, como se lê no Relatório, essas obras “não deveriam ser executadas de chofre e simultaneamente”, já que na época “o país não contava com muitos recursos”. Curiosamente, a região do porto se encontra em plena transformação decorrente do projeto Porto Maravilha do Rio de Janeiro, projeto esse liderado pelo atual prefeito da cidade, Eduardo Paes.

Conclusão

As duas cartas recentemente restauradas e disponibilizadas ao público no site da BNDigital da Fundação Biblioteca Nacional, encontram-se nos seguintes endereços: “Plano e terreno da cidade do Rio de Janr.º” de Carlos José dos Reis e Gama em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart326105/cart326105.html> ou <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart326105/cart326105.jpg> , e o “Projecto de melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro” de Pereira Passos <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart521089/cart521089.html> ou <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart521089/cart521089.jpg>. Embora a carta da Baía de Guanabara ainda não se tenha definido a data precisa e o plano da Comissão de Melhoramentos do Rio de Janeiro esteja com algumas partes perdidas, representam valioso material de pesquisa para estudiosos de diferentes áreas, tais como arquitetos, arquivistas, bibliotecários, cartógrafos, geógrafos, historiadores.

Bibliografia

- ABREU, Maurício de Almeida. *Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)*. Rio de Janeiro: Andrea Jacobson Estúdio : Prefeitura do Rio de Janeiro, 2010. V. 1
- ADONIAS, Isa. *Catálogo de plantas e mapas da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1966.
- ANDREATTA, Verena. Atlas Andreatta : atlas dos planos urbanísticos do Rio de Janeiro de Beaurepaire-Rohan ao plano estratégico. Rio de Janeiro : Vivercidades, 2008.
- ANDREATTA, Verena. Cidadea quadradas, paraísos circulares: planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Catálogo de Exposição História do Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- CARREIRA, Maria de São Luiz da Silva. *Marcas de água: Arquivo Histórico Parlamentar: Monarquia Constitucional 1821-1910*. 2012. Dissertação (Mestrado). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Programa em Ciências da Documentação e Arquivística. Lisboa, 2012.. Disponível em: <file:///C:/Users/maria.faria/Downloads/ulfl141506_tm%20(5).pdf>. Acesso em: 22 setembro 2015.
- COELHO, Victor Monteiro Barbosa. *Baía de Guanabara: uma história da agressão ambiental*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.
- EMPRESA DE TURISMO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, RIOTUR. *Ilha Fiscal*. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/riotur/exibeconteudo?article-id=157642>>. Acesso em: 22 setembro 2015
- FERREZ, Gilberto. *Iconografia do Rio de Janeiro: 1530-1890:catálogo analítico* Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, c. 2000.
- GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. 4. ed., (rev., ampl. e ilust.). Rio de Janeiro: Liv. Brasileira Ed., 1965
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL, IBAM. Projeto de Estruturação de roteiros Temáticos para o Turismo Cultural. *O turista aprendiz: Igreja Nossa Senhora do Livramento*. Disponível em: <<http://www.turistaaprendiz.org.br/detalhe.php?idDado=228>>. Acesso em: 15 novembro 2015.
- MARTINS, Wilson. A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2006
- OLIVEIRA, George Gleik Max de. *Estudo do papel e das filigranas e sua ocorrência em manuscritos dos séculos XVIII e XIX na Capitania e Província de Matogrosso*. 2014. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagem, Programa em Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Cuiabá, 2014. Disponível em: <<http://www.ufmt.br/ufmt/un/publicacao/meel>>. Acesso em: 25 set. 2015.
- PINTO, Fernanda Mousse. *A invenção da cidade nova do Rio de Janeiro: agentes, personagens e planos*. 2007. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional.
- RAMINELLI, Ronald. Ilustração e império colonial. *História*, São Paulo. V.31 n. 2, jul-dec. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742012000200005#back1>. Acesso em: 10 set.2015
- SOUZA, Aurelio Lopes de. A Bibliotheca Nacional em 1915: relatório que ao Sr. Dr. Maximiliano Pereira dos Santos , Ministro da Justiça e Negocios Interiores apresentou em 7 de abril de 1916 o Diretor Geral Interino Dr. Aurelio Lopes de Souza. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, V. 18, 1916. P.358-361.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Escola de Música. *Igreja Nossa Senhora da Lapa de Desterro*. Disponível em: http://www.musica.ufrj.br/index.php?view=venueevents&id=20:igreja-nossa-senhora-de-desterro-da-lapa-de-desterro&option=com_eventlist&Itemid=178.> Acesso em: 27 nov.2015

WAGNER, Ana Paula. *População no império português: recenseamento África Oriental Portuguesa na segunda metade do século XVIII*. 2009. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009. Disponível em:

<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=7&ved=0CD8QFjAGahUKEwiN_MKMsrvIAhXMhZAKHWkuA-

[Q&url=http%3A%2F%2Fdspace.c3sl.ufpr.br%2Fdspace%2Fbitstream%2Fhandle%2F1884%2F20905%2Ftese_APWagner.pdf%3Fsequence%3D1&usg=AFQjCNGFRRCDKBvp1FNqPVdltx4zP7Ggew](http://3A%2F%2Fdspace.c3sl.ufpr.br%2Fdspace%2Fbitstream%2Fhandle%2F1884%2F20905%2Ftese_APWagner.pdf%3Fsequence%3D1&usg=AFQjCNGFRRCDKBvp1FNqPVdltx4zP7Ggew)> . Acesso em: 10 out.2015.

